

FRATERNIDADE

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

Redacção e administração—R. D. António Barroso, n.ºs 14 e 16
Officina e impressão—Typographie Soucaux.

Assignaturas (pagamento adiantado)

Portugal, um anno . . . 600. = Semestre . . . 300
Brazil (moeda forte) um anno, 1:200. = Numero avulso 20 reis.

Anuncios (preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir qualquer individualidade.
EDITOR RESPONSAVEL—Manoel Pereira de Villas-Boas.

DIZENDO DA NOSSA JUSTIÇA

Fullemos por nossa vez, pelo posto em que nos collocaram e pela obrigação que temos de accionar.

Pulso já enfraquecido, cerebro já cansado, illusões a emmurcheçar; e, sem embargo, a crença ainda é ardente, a esperança ainda é vivida, a vontade ainda é de ferro, o peito repelle activo a cobardia do desanimo, quer lutar para se ennobrecer, não quer estar inactivo porque se inutilize.

Temos atrás de nós um passado de luctas constantes e tenazes—com resaios d'armadura e consolo de carinhos—de mal sofridos sacrificios intercoartados por fugidios momentos de ventura; e, no extenso perigrinar por essa campanha fóra cuja derectiz é a terra da promissão dos nossos direitos—quantas vezes os anneios d'alma anteveendo a victoria nos mitigaram a longa caminhada, e os cantos festivos nos enthusiasmaram pelo sazonado da loira messe, criando, assim, mais vigoroso alento!

Temos na nossa frente, com uma velhice precoca, saudosos dias da mocidade que não voltam, um futuro mais incerto que o passado—pela indiferença geral; uns rapazes mais velhos que macrobios—em enthusiasmos altruistas; homens mais fracos que crianças—na defesa dos seus direitos: dedicações de maior fragilidade—que o vidro das nossas illusões; crónicas que se esvaem—mais rapido que o fumo das nossas phantasias sonhadoras; vontades sem accção—fracas e irresolutas—n'uma indolencia pernicioso, n'um apego desconsolador á inacção—n'uma tibiesia... fracalhona!

Que é feito da antiga fibra portugueza?

No entanto nunca a nos-

sa classe teve tão comprovadas intelligencias, tão autorisadas pennas, tantas mentalidades distinctas, tão vasto campo d'acção, e occasião mais asada, ainda, de todos brilhaem; e, nunca como agora maior obrigação de todos cumprirem o seu dever.

E alongando a vista por



Antonio Soares

ahi alem deparam-se-nos tantas guardas avançadas da ideia—a dedicação levada ao sacrificio, fazendo o milagre de manterem vozes potentes—os nossos jornaes de classe—apregando denodadamente—com potente desassombro—os nossos direitos, vozes clamando no deserto, sem que no peito da classe encontre eco e calor, ou, como deve, corresponda n'essa dedicação carinhosa, parecendo regatear, até, a esses sacrificios, a verilidade do seu enthusiasmo e a compenetrar-se do seu conhecimento.

Assim esses elementos não teem a conveniente unidade d'acção.

Urge dar-lh'a, para que esses esforços produzam os fructos apetecidos.

Rapazes—o velho que falla conserva ainda nas veias—o sangue quente de moço—o coração impetuoso da juventude—a mesma alma que abrigou o ideal sublime da emancipação da nossa classe.

Chama-vos. Vinde,

Muitos sois vós. Todos são precisos para a lucta— todos vós tendes que infleirar para a campanha.

Sabeis porque toca o clarim?

Porque queremos enterrar o symbolo do servilismo nas noites do passado;

Queremos illuminar o stigma da tyrannia com o clarão do progresso;

Queremos mostrar as algemas quebradas ao facho da liberdade;

Queremos alimentar o espirito com os fructos da sciencia;

Queremos rebustecer o cerebro com as luzes do saber;

Queremos cultivar a alma sob o influxo do bello e da civilisação;

Queremos banhar os pulmões em ondas de ar puro



José Candido Dias

—para que o virus da tuberculose os não contamine;

Queremos haver de nosso trabalho—porque o seu resultado bem o garante—o sufficiente para uma alimentação sadia—do caldo dessórado—a habitação hygienica em vez d'um tigrío infecto;

Queremos horas de trabalho estabelecidas, de harmonia com o vigor phisico, dispendido e em relação ás que traballiam as outras classes da sociedade;

Queremos descanso regularisado para evitar de-

pauperamento de forças ou aniquilamento das faculdades mentaes—para que tenhamos tempo de nos illustrar e cuidar de nós—do corpo, da alma e do espirito—para que junto dos nossos, da nossa doce companheira da vida e dos nossos filhos, sonhos floridos do nosso amor, nos possamos enlevar: tanto no casto olhar da mãe como no goso das graças infantis, das gargalhadas argentinas e vibrantes d'essas vergonteadas do nosso ser, que tanto recreiam o nosso espirito como nos consolam o coração unico resultado, quasi, do sacrificio de os crear e educar, e retemperar a alma para os rudes embates da vida.

Collegas: tendes estas regalias e gosaes estes direitos?! Evidentemente, não!

Pois para essa conquista vos chamo. Juntemo-nos todos os que querem sacudir o jugo insupportavel da escravidão e da tyrannia.

Nada de tibiesas nem de esmorecimentos. Sacudamos a inacção para evitar a somnolencia.

Na lucta se encoraja o espirito e triumphá a ideia.

Collegas demos signal de nós.

Antonio Bana.

A "Fraternidade,"

APPELLO A' CLASSE

Sem procurar saber se a classe estará pela conta de reforçar os nossos recursos para a ampliação d'este quinzenario, nós com o mesmo fervor e enthusiasmo que pozemos na rua o primeiro numero, e acreditando em que ella não deixara morrer a *Fraternidade*, não hesitamos em lhe elevar o formato, como veem.

Aqui a confirmação do que dissemos em o 3.º ou 4.º n.º;—nós não queremos os lucros que o jornal nos possa dar; o que pretendemos é que a classe faça com que este quinzenario tenha uma vida completamente desafogado, porque

tudo reverterá em seu benefício.

A primeira cobrança a que procedemos não nos animou muito a dar este paço; o que nos anima é a convicção que temos de que os nossos camaradas não deixarão de prestar-nos o favor da sua assignatura, e, assim convencidos, continuamos a remetter a *Fraternidade* áquelles que julgamos poder assignal-a, sem com isso sobre-carregar as suas despesas.

A *Folha dos Caixeiros* morreu de um mal que também nos pôde estar próximo; mas que importa isso? Que importa que a classe pague com o *calote* os nossos sacrificios, senón, indicando-lhe um caminho de progresso e de luz, mostrando-lhe que somos dedicados á sua causa, que arrostamos emquanto podemos com todas as difficuldades, cumprimos o dever de soldados fieis?

Que importa que este jornal amanhã pereça como *O Jornal dos Caixeiros, O Caixeiro Portuguez e Folha dos Caixeiros*? Porventura esse facto triste para a classe deixará de demonstrar a nossa actividade em bem servir os nossos companheiros, e a nossa vontade de ferro em bem desempenhar o logar que por nosso desejo tomamos sobre nossos hombros? Não!

Somos humildes em toda a linha; somos sinceros em todos os assumptos que tratamos; e também nos conformamos com a sorte que a classe nos der:—a morte ou a vida.

Isto está á escolha d'ella.

Com o oitavo n.º cresceu a *Fraternidade*. Não estava para tão breve esta resolução; porém, animados pelas palavras de incitamento que alguns collegas nos dirigiram, antecede-mos um pouco mais a nossa resolução, e eis-nos chegados a onde desde ha muito queriamos chegar.

Agora a classe que nos preste o seu auxilio e, aos nossos presadissimos correspondentes assignantes e collaboradores, pedimos o obsequio de nos angariar o maior numero possível de assignaturas, para que, por esta forma, nós possamos fazer face ás novas e grandes despesas que a ampliação do jornal nos accarreta.

Esperando o auxilio de todos e aguardando o proceder da classe, fica

O grupo proprietario

GALERIA ILLUSTRADA

ANTONIO JOSÉ SOARES

Nós, que pertencemos á legião dos novos, dos que seguem a obra grandiosa que elle nos ultimos momentos de vida iniciou, e que hoje ahí está levantada á admiração de todos —a Associação de Beneficencia dos Empregados no Commercio de Barcellos—não tivemos a felicidade de chegar a

conhecer esse bello espirito que se chamou Antonio José Soares, e cujo retrato a *Fraternidade* hoje publica para fazer luz n'uma epoca em que os caixeiros de Barcellos, guiados pela vontade do que hoje se encontra escondido na terra fria, tantas provas de actividade e energia deram.

Já depois do fallecimento do retratado é que nós viemos para o balcão, mas o nome d'elle ainda n'essa epoca corria de bocca em bocca e era apontado, com bem funda saudade, como o de um camarada honesto e cumpridor rectissimo dos seus deveres, e iniciador da movimentação dos caixeiros d'esta formosa terra.

E' que Antonio Soares allia-va á sua modestia uma alma boa e um intellecto vivo de correcção. E' que as suas palavras captivavam e callavam profundamente no espirito de todos, pois em cada um que lhe fallava tinha um amigo.

Era assim que—em dezembro de 1895,—o auctor d'estas linhas d'elle ouvia dizer.

Como já dissemos, nós não chegamos a conhecer o collega de que fallamos; por isso, dada a escassez dos recursos que temos para acompanhar o retrato com uma biographia completa, nós limitaremos a dizer do que elle fez para a fundação da nossa Associação, cingindo-nos, para isso, ao livro das actas que temos presente.

Antonio José Soares, para a fundação da Associação já referida, teve a companhia de um pequeno numero de amigos, d'entre os quaes destacamos os hoje negociantes d'esta praça srs. João Carlos Coelho da Cruz, Joaquim José d'Araujo, Agostinho Miranda, José de Faria e o finado Antonio Guedes Pinto Cerdeira.

A reunião dos caixeiros para se resolver a fundação da Associação effectou-se no predio habitado por Cerdeira, ao campo de D. Luiz I n.º 42, no dia 21 de julho de 1895, e sob a presidencia de Soares, que tinha por secretarios Pinto Cerdeira e José Faria.

N'esta reunião da classe ficou assente a fundação da collectividade e nomearam-se para a commissão administrativa os seguintes srs.:—Presidente, João Carlos C. da Cruz; vice, Alberto Guimarães; 1.º secretario, Pinto Cerdeira; 2.º secretario, Antonio Soares; thesou-reiro, Antonio Correia; vogaes: João Manoel da Silva, José de Faria, Antonio Carlos Machado da Silva, Antonio José da Silva e Manoel Gomes Dias.

A primeira reunião d'esta commissão já não compareceu o bom Soares; elle achava-se no leito e a braços com a enfermidade que poucos dias depois o arrastou ao tumulo! N'esta reunião já não havia aquelle entusiasmo communicativo, porque faltava a presença e a energia de Soares! Elle era tudo no meio dos seus companheiros; elle era o exito da em-

presa a que metteram hombros, era a vida da nova agremiação; e se todos tinham desejo de levar por deante esta obra, esse desejo era simplesmente provocado pela vontade de ferro que Soares sempre mostrara.

Antonio Soares morreu em 5 de agosto de 95: e n'esse dia, ás onze horas e meia da manhã, renniu extraordinariamente a commissão a fim de tomar conhecimento da infausta nova e para se resolver a homenagem que deveria ser prestada ao companheiro dedicadissimo, a essa alma d'espertano que poucos dias antes os levou a iniciar a constituição do gremio dos caixeiros. Deliberou então a commissão exarar na acta um voto de profundo sentimento pela morte de Soares, offerecer-lhe como ultima homenagem uma corôa de flores artificiaes toda branca e com uma dedicatória em nome da classe, e que se fizessem convites para o funeral. Resolveu mais que uma banda de musica acompanhasse á ultima morada o corpo de Soares.

Este funeri—segundo informações que temos—tornou-se, pela sua imponencia, um testemunho eloquente das sympathias que o morto aqui possuia.

Soares morreu! E como este acontecimento doloroso se deu, era d'esperar que os trabalhos para a fundação da Associação também ahí tivessem fim; mas não; a commissão, enchendo-se de energia, continuou os seus trabalhos e quiz, para memorar o nome que desaparecia como uma nuvem de fumo, erguer a grande obra de progresso que hoje ahí vemos e que nas suas paginas historicas figura o nome do nosso retratado. A commissão perpetuou assim o nome d'esse vulto inolvidavel; e nós, sustentando a existencia da mesma obra, faremos com que o nome de Soares se não apague e que viva sempre no espirito de nossos vindouros.

Uns poucos de periodos estão escriptos sobre o trabalho associativo de Soares; são elles pedaços da sua ultima existencia, da sua força de vontade, são jactos de luz que lançamos a fazer reviver um passado epicamente glorioso.

Significam esses modestos periodos, escriptos ao correr da penna, sem aquella forma litteraria de uma biographia, mas com a clareza dos factos, a homenagem prestada pelos caixeiros d'esta villa ao que em vida tantos esforços consumiu para bem servir a sua classe.

JOSÉ CANDIDO DIAS

E' elle uma das figuras mais em destaque no movimento as-

sociativo da nossa classe. E' elle um amigo dedicado dos caixeiros e um sincero propagandista na causa d'estes.

Na «Luz do Commercio», de que é director, elle tem sabido impor-se á consideração de todos os seus collegas, tanto pela coherencia dos seus actos como pela actividade e zelo como se desempenha d'aquelle cargo.

Na velha *Associação de Classe dos Empregados de Commercio do Porto* também elle se desempenhou dignamente dos cargos de 2.º e 1.º secretario do conselho director, e onde o seu trabalho associativo se iniciou com assombroso entusiasmo.

E' o retratado correspondente da *Fraternidade* na populosa cidade do Porto, e é empregado de uma importante casa commercial da mesma cidade; e pena é que os nossos leitores não vejam assiduamente os escriptos, porque são tão elegantes na forma ideal como precisos e claros na informação.

E' um rapaz onde a modestia encontrou fando e onde a amizade que dedica a um collega se arreiga profundamente. D'isto tem-nos elle dado sobejas provas.

Nós sentimos-nos bem quando prestamos homenagem a quem as merece, assim como nos orgulhamos de estampar na nossa gazeta o retrato de camaradas que sabem pelejar como também hão-de saber vencer, e como é Candido Dias.

Honra-se, por isso, a *Fraternidade*, em publicar a gravura de um seu amigo sincero, do valoroso caudilho que tão nobremente sabe combater pela causa da classe de que somos membro e que se chama—José Candido Dias, membro da commissão administrativa da *União dos Empregados de Commercio do Porto*.

Declaração

Pedem-nos a publicação da seguinte:

Nós abaixo assignados, empregados de Commercio Egyptanienses, protestando contra o artigo do sr. José Dias Soares, publicado no jornal «A Luz do Commercio» de 15 de janeiro de 1905, declaramos que no dia 19 de janeiro corrente foram prestadas pelo sr. Fiel B. Taveira, presidente do *Grupo Dramatico dos Empregados de Commercio Egyptanienses*, as contas relativas ás receitas que se realisaram em 14 de Fevereiro de 1904, 3 de Maio, e 12 do mesmo mez, realisando-se esta ultima na Covilhã.

Pelos mesmos foram verificados todos os documentos de receita e despesa re-

erentes ás alludidas récitas, os quaes estão de harmonia com a importancia entregue ao Sr. Joaquim de Pina Ribeiro, digno Thezoureiro da «Associação de Classe dos Empregados de Commercio Egytanienses».

Dos mesmos documentos deprehende-se que se o sr. Taveira não prestou contas ha mais tempo, foi devido a ainda não ter recebido a quantia de 15:000 reis, figurando n'essa importancia o sr. José Dias Soares com um debito de 2:030 rs., que até ao presente não pagou.

Outro sim declaramos que, em face da escripturação do alludido sr. Thezoureiro, vê-se que o saldo dos 3 espectáculos está em seu poder desde a data em que foi recebido, isto é, depois do apuramento geral das referidas recitas.

Com referencia á importancia emprestada pelo sr. Taveira ao sr. Miguel da Rebeca, declaramos que as explicações dadas a tal respeito nos sáptisfazem por completo.

Guarda, 19 de janeiro de 1905.

Joaquim José Goes da Silva, João da Assumpção Junior, José Mathias Duque, Germano Soares, Manoel Marques da Silva, José Raymundo, Ismael Motta, M. Abreu Pereira Duarte, José Cabral Pinto Junior, Romeu Dias Pissarra, Anuplio de Lemos, Justino Quintella, Herculano Mendes, José Cancellia, Manoel Delgado, Antonio Candido Xavier Junior, Manoel Ignacio dos Santos, Antonio Vinhas, Joaquim M. d'Almeida, Joaquim da Costa Quintella.

Telegramma

Guarda, 27, ás 8 e 8 m. da m.

Caixeiros Guarda partiram vidros e louças estabelecimento Polycarpo, por se recusar manter estabelecimento encerrado. Publico e patronato manifesta se favoravel aos caixeiros.—Correspondente.

N. da R.—Como a classe já sabe, os nossos camaradas da Guarda obtiveram de seus patrões o fechamento das lojas ás quintas-feiras; e pela leitura do telegramma que nos foi enviado pelo nosso solicito correspondente, todos podem perceber que um homem sem palavra, retrograda ao bem-estar dos caixeiros e invadido por uma cegueira ambiciosa, procurou, pelo não cumprimento da sua palavra, aniquillar essa obra de progresso que os seus collegas honrados quizeram erguer em beneficio dos seus subordinados, e que é o descanso de algumas horas ao fim de uma semana de traba-

lho. E nós, inteiramente solidarios a toda obra de engrandecimento moral, juntamos um energico brado de protesto aos collegas da velha cidade, felicitando os *homens de palavra*, os homens cujo nome não consente manchas de especie alguma, pela sua nobre attitude n'esta causa de justiça.

A adhesão do povo e do honrado commercio local ao energico protesto dos nossos camaradas egytanienses, deve animar estes a fazer com que o escurecido espirito do *homem sem palavra* reconsidere o seu acto pouco airoso, e volte, por essa reconsideração, a limpar o seu nome e a rehabilitar-o perante os homens que cumprem a palavra, porque esta é a maior honra do negociante sério.

E' isto o que esperamos.

Viva o commercio honrado!

Urrah! pela emancipação do povo trabalhador!

APPELLO Á CLASSE

Para podermos fazer face ás despesas que o augmento do formato da «Fraternidade» causou, nos pedimos a todos os nossos amigos, correspondentes, collaboradores e assignantes, o favor de cada um nos angariar o maior numero possível de novos assignantes, favor que com antecipação agradece

O grupo proprietario

Assignantes novos:

Do collega Coimbra Junior, e dos srs. José Donato Lopes, e Ednardo S. Faria Couto.

A todos, um obrigado!

Associação dos E. no Commercio

Reuniu no dia 15 d'este mez a direcção d'esta Associação sob a presidencia do presidente Sr. Aurelio Ramos, secretariado por o collega José M. da Costa. Estavam presentes os collegas vogal e vice-presidente, Pedro Vasconcellos e João de Sousa. Foi lida e approvada a acta de posse e foram tambem lidos dois officios:—um do sr. Agostinho Pires da Silva, pedindo a demissão de vogal da direcção, e outro do collega José da Conceição Gonçalves pedindo a readmissão de socio effectivo. Enquanto ao primeiro foi-lhe concedido a demissão pedida e, como estivesse na sala o vogal substituto mais votado, o sr. João da Cruz Miranda, deu-se-lhe posse do cargo vago. Enquanto ao segundo, deliberou-se que a proxima assemblea resolvesse.

Foram approvados dois candidatos a socios effectivos, os collegas Joaquim Alves Brandão e Joaquim Pereira Linhares e foi nomeado que o vogal João Miranda occupe o cargo de thezoureiro. Em seguida encerrou-se a sessão.

—No dia 22 do mesmo mez tambem reuniu a direcção sob a presidencia do vice-presidente, secretariado por o collega

José Moreira da Costa, e estavam presentes os vogaes João Miranda e Pedro Vasconcellos. A direcção tomou posse dos haveres da Associação, encarregou o vogal Miranda da administração do Gabinete de Leitura e approvou um candidato a socio effectivo, o collega João Duarte Velloso.

—Por falta d'espaco só no proximo n.º podemos publicar o resumo das contas referentes á ultima gerencia.

MOVIMENTO DA CLASSE

De Montemor-o-Novo:

Inauguração da Bibliotheca do Grupo de Empregados no Commercio

Correu bastante animada esta festa, havendo-se manifestado durante ella o desejo de união, que é o ideal da classe dos caixeiros.

O telegramma que a «Fraternidade» publicou no ultimo numero, chegou ou foi estropiado em Barcellos, pois dava como realisada a festa que se havia de effectuar no dia 1.º de janeiro.

Por esforços da direcção, conseguiu-se obter licença para n'este dia se organizar esta festa, pois que apesar de ser dia santificado, (unicos em que aqui existe encerramento), era domingo, e, por isso, o sufficiente para haver obstaculos a vencer.

A sympathica banda da Sociedade «Antiga Philharmonica Montemorense», de que é regente o nosso amigo José Valerio, chegou á sede do «Grupo» pelas 8 1/2 da noite, onde era aguardada pelos presidentes da direcção e meza, pelo secretario da direcção e alguns socios.

Desfraldada a janella a bandeira do «Grupo», a musica executou o hymno e entrou para a sala que lhe estava reservada.

As 8 e 45 o presidente da meza, secretariado por Joaquim M. d'Aguiar e M. Marques Paixão, fez abrir a assembleia geral convocada para antes da sessão inaugural da bibliotheca, e, attendendo ao adiantado da hora, propoz que a assemblea ficasse transferida para o dia 6. A direcção observou que era conveniente pôr á approvação uma proposta de socios benemeritos que ia apresentar, pelo que o presidente auctorizou que proseguisse esta sessão. A musica tocou o hymno do «Grupo», que foi ouvido de pé. Por aclamação foram depois approvados para socios os commerciantes d'esta praça srs.: Romeiras & Romeiras, Joaquim Pedro de Mattos, Ferro & Irmão, Manoel Thiago Janeiro, Manoel Dias Sant'Anna, Joaquim Ayres Veiga e Antonio Fidalgo; e com auctorisação de seus paes: Jeronymo de Almeida Faria, Manoel Maria Ferreira Cidade, José Armando Veiga Cardoso e José Alexandre Vidigal d'Oliveira; e para socio ordinario: Antonio José dos Santos Martins. A assembleia approvou ainda a nomeação do nosso dedicado amigo Alfredo Antonio Peres, de Lisboa, como delegado ao congresso que se realisa em Abril proximo, promovido pela Commissão de Protesto Nacional das Associações Operarias.

Encerrada finalmente a assemblea geral, ficando no entanto para resolver no dia 6 a projectada excursão a Arrayolos, o presidente, dando principio á sessão solemne, convidou para a presidencia o nosso amigo e con-

socio illustre José Gregorio d'Almeida, que por sua parte nomeou secretarios J. R. Amaro, presidente da assemblea geral, e Manoel João Amaro, presidente da direcção. Verificou-se estarem representados: «O Meridional» pelo nosso amigo José Guerra; «A Folha do Sul», por José d'Almeida, «A Voz do Caixeiro»; pelo collega Flaminio de Carvalho; «O Caixeiro» e «Fraternidade» por J. R. Amaro.

Foi o primeiro orador Alfredo Ferro, o qual n'um bem elaborado discurso se referiu á creação da Bibliotheca; seguiu-se Flaminio de Carvalho que largamente demonstrou a conveniencia d'aquelle melhoramento; J. R. Amaro, que expoz a necessidade de melhor concordancia no «Grupo», o qual está affectado por intrigas particulares; Marques Paixão incitou com coragem o proseguimento da lucta; e, finalmente, José d'Almeida pronunciou um discurso brilhante, que lhe mereceu os applausos de quantos tiveram o prazer de o ouvir.

Fechada a sessão a banda tocou de novo o hymno do «Grupo» e mais algumas agradaveis peças do seu excellento repertorio. Foi depois servido um abundante copo d'agua, que correu com uma animação extraordinaria.

A retirada foi novamente desfraldada a janella a banda do «Grupo» e foi cumprimentada pela banda. Terminando a festa os caixeiros acompanharam a banda á sede da «Sociedade».

N'um gabinete do «Grupo» houve depois uma ceia intima onde reinou sempre a mais franca alegria, e terminando já bastante tarde.

Como ficara determinado, reuniu no dia 9 a assemblea geral para tratar da excursão a Arrayolos; mas visto ser precisa a inscripção de todos os socios, e pouco mais da maioria haver reunido, ficou transferida a mesma reunião para occasião indeterminada. Manifesta-se o desejo de que esta excursão attinja proporções d'uma manifestação da classe.

11—1—905.

Roiz.

De Braga:

Conselheiro Bernardino Machado

Entre a classe d'aqui, reina o maior entusiasmo pela conferencia que brevemente realisará n'esta cidade o illustre lente da universidade de Coimbra sr. Conselheiro Bernardino Machado sob «os direitos e deveres dos caixeiros». Comquanto se não saiba ainda o dia certo em que ella se effectuará, é de crer seja no dia 5 de Fevereiro proximo, por s. ex.ª ter de vir n'essa occasião ao minho.

A direcção da nossa associação resolveu convidar, para esta conferencia, todas as auctoridades civis e militares, a imprensa, o patronato d'esta cidade, assim como a imprensa da classe, associações suas congeneres, socios e respectivas familias.

A mesma direcção resolveu ultimamente abrir inscripção para as seguintes aulas; Portuguez, Francez, Calligraphia, Escripção Commercial, musica e dança. Algumas d'estas já tiveram principio em 1 do corrente; e as restantes principiarão logo que haja inscripção sufficiente.

A. de Souza.

De Lisboa:

Depois da ausencia de um numero, que certamente os leitores me desculparão, volto a faina da minha correspondencia na «Fraternidade».

—Na Associação dos Caixeiros Portuguezes, realisou-se, no dia 15 do corrente, e promovido por um grupo de socios, um sarau dramático e dançante, em homenagem á direcção pelos *relevantes* serviços prestados durante a sua gerencia.

Necessariamente este grupo andou a chuchar com a humanidade, prestando homenagens com monologos, cançonetas, baile etc., á direcção de uma Associação de classe. A que obriga a falta de criterio!

—No dia 16 teve lugar a assembléa geral para leitura do relatório e eleição de mesa da assembléa geral, que deu o seguinte resultado: Presidente—Alberto Nazareth. Vice-Presidente—Antonio C. Correia Gonçalves. 1.º Secretário—Antunes Vaz—2.º M. Fabelro Portas—1.º Vice-secretário—Antonio Silvestre—2.º Vice-secretário—Crespo Amador.

Amanhã, 26, terá lugar na mesma associação a assembléa para discussão do relatório e eleição dos corpos gerentes. O que é fóra de toda a duvida, é que o relatório não é relatório. É uma verriça depositaria de muita tolice, cheia de violencias e na sua maioria provocante, á quasi totalidade dos associados; além d'isso, em parte, errado. Ou eu me engano muito, ou tal pasquim não será approved. Eu não costumo, nem gosto, de guerrear direcções, mas, francamente, indignou-me a falta de correcção e bom criterio que presidiu á confecção do sensacional trabalho, constando-me que muito peor seria se não fosse um dedicado lutador da classe.

—Suspendeu a sua publicação, «A Folha dos Caixeiros». —Como entristeceu ver assim desaparecer esses baluartes de uma classe tão grande que se torna pequena pela sua conducta errada, pela indifferença dos seus defensores e pelo desprezo que vota aos lutadores que pugnam pelo seu bem estar, e que tão mal pago tem recebido.

Oh! ingrata classe! O vosso desprezo, desde é ignorancia, ainda vos ha-de levar a uma situação degradante, humilhante!

—«A Tuna Commercial», para inauguração da sua nova sede, na rua do Carmo, 69, 2.º, esteve em festa nos domingos 15 e 22, correndo as festas com muita animação e alegria, conservando-se as salas sempre repletas de senhoras e cavalheiros.

Noticias.—En ontra-se entre nós o nosso presado amigo Annibal Martins, que veio a esta cidade tratar de negocios.

Tivemos já occasião de o abraçar, sentindo no amplexo d'esse abraço novo vigor para a lucta em que, como caixeiro, andamos empenhados. Que grato nos é termos a nosso lado os camaradas do norte, ra-

pazes cheios de vida, sinceridade e intelligencia.

Annibal Martins conta retirar-se quieto ou sexta-feira.

—Falleceu uma prima do nosso devotado amigo e collega Lopes Marques, empregado da Camisaria Pitta, pelo que lhe enviamos os nossos sentimentos pesames.

—Surprehendeu-nos, de improviso, a morte do distincto artista Raphael Bordallo Pinheiro, que muito admirado e estimado era, não só no paiz inteiro, como tambem no Brazil, onde permaneceu muito tempo.

O seu funeral foi imponente e traduziu eloquentemente a estima que todos lhe dedicavam.

Quanto nos magoa este facto ao lembrarmos que na excursão que se realisou ás Caldas, em junho passado, elle gentilmente accedeu ao convite para assistir ao banquete que se realisou a 12 de junho n'aquella villa, e que foi sem duvida a sua presença n'essa saudosa festa que nos encheu de jubilo e onde a sua figura realçava triumphante entre 80 rapazes,—entre essa mocidade ávida de arte e regalias.

É ainda sobre a dolorosa impressão da noticia da sua morte que eu escrevo estas linhas, e, d'aqui, d'este modesto canto, eu envio as minhas sentidas condolencias a sua Ex.^{ma} familia.

Que descanse em paz tão glorioso vulto da Arte portugueza.

—Solicitem para as suas viagens os nossos collugas: Antonio Marques Carvalho Junior e Domingos Alves.

—Já regressou a Lisboa a illustre «Zugaia», correspondente n'esta cidade da «Luz do Commercio», do Porto.

—Tem tido muita acceptação, pela maneira brilhante como vem redigido, o Almanack d'«O Caixeiro».

—Encontra-se um pouco melhor dos seus horrocosos padecimentos, o nosso bom amigo Carlos Cruz. Felicita-nolo.

24-4-905. Seta.

N. da R.—Tambem nós enviamos sentimentos pesames a Lopes Marques pelo fallecimento de sua prima e á familia do grande artista Bordallo Pinheiro, pela morte d'este.

ECCOS DA QUINZENA

A Folha dos Caixeiros

Os *caloteiros*, que infelizmente abundam por toda a parte, foram o motivo porque este nosso brilhante collega de Guimarães poz termo a sua publicação.

Não ha que estranhar: a sorte que coube áquelle nosso distincto confrade é a que nos estará tambem reservada para o dia de amanhã; porque a classe, invadida por uma cegueira enorme, despresas os que trabalham em seu favor, compromettendo-lhes a bolsa e consummindo-lhes a vontade.

Receba Mario Corrêa e Francisco Costa os nossos cordaes cumprimen-

tos, como collegas e admiradores fervorosos, que somos, do seu trabalho em prol da classe que tão mal os compensou, e ponos á sua disposição as nossas humides columnas.

Artigo

O que publicamos com o titulo—*Dizendo da nossa justiça*—veio publicado no n.º 257 de «A Voz do Caixeiro», e pertence ao nosso dedicado amigo e distincto collega da Capital, Antonio Bana.

Cobrança

Aos nossos presados assignantes que de prompto fizeram pagamento da importancia relativa ao primeiro semestre da *Fraternidade*, o nosso agradecimento; e áquelles que deixaram vir devolvidos os recibos pedimos o favor de nos remetterem a importancia respectiva, em vale do correio ou carta, para nos evitarem novas despesas de cobrança.

Anselmo da Silva Vieira

O nosso presado collega de Lisboa, *A Voz do Caixeiro*, transcreveu, em seu n.º 258, as poucas palavras com que fizemos acompanhar o retrato do nosso distincto amigo e collega Anselmo da Silva Vieira o que agradecemos.

A proposito diz-nos que apesar de não serem conterraneos de Anselmo Vieira, parecê-lhas que conhecem melhor a sua vida associativa do que nós. Nesta parte concordamos com o presado collega, pois que o retratado ha muito tempo que exerce a sua profissão na capital, e, d'ahi, o não conhecimento, por nossa parte, dos seus trabalhos associativos. A falta que o camarada nos apontá não tem gravidade alguma pelo motivo referido, creia.

Theatro

A «Troupe Dramatica Bracarense» leyrou hontem á scena, no nosso «Gil Vicente», com feliz desempenho, as engraçadas comedias—«Tio Paucracio», em 3 actos, e «Para as eleições», em 1 acto. A menina Altina de Sousa, de 9 annos, cantou a bonita cançõeta «Um bravo do Mindello»; e o amador Villaca tambem cantou uma cançõeta.

A casa estava regular e o desempenho de todas as peças foi bom.

Agradecemos o bilhete que nos foi offerecido.

Associação de Setubal

Passou no dia 22 do corrente mez o 7.º anniversario da fundação da Associa-

ção de Classe dos Empregados de Commercio de Setubal, havendo por esse motivo ruidosos festejos.

Até á hora d'este jornal entrar na machina não recebemos do nosso sollicito correspondente noticias de tão sympathica festa, o que esperamos nos enviará para o proximo numero.

Visitas

Recebemo-las dos nossos prestimosos amigos e collegas Bernardino Chaves, ex-correspondente da «Luz do Commercio» em Guimarães, e Antonio José de Souza, ex-empregado na praça de Coimbra.

Enfermos

Tem passado incommodados de saude, o que muito sentimos, os nossos collegas d'esta villa Manoel Coutinho e José Moreira da Costa.

—Tambem esteve incommodado o nosso camarada José Carvalho achando-se já restabelecido.

—Guardou o leito por alguns dias, com um ataque de *grippe*, achando-se agora completamente bom, o nosso dedicado amigo sr. Avelino Ramos, negociante, e digno presidente da direcção da nossa Associação.

Aguilhadas

Com muita satisfação levamos ao conhecimento da classe que esta secção começa a ser collaborada no proximo n.º por *Ignobis*, collega que muito tem feito em favor da classe e cujo nome não precisa de vir aqui estampado.

A Nossa Patria

Recebemos o segundo n.º d'esta preciosa publicação lisboense, e que, como o primeiro, traz primorosa collaboração e excellentes gravuras.

«FRATERNIDADE»,
ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL
Barcellos

Ed.ºº Sur.